



## FAUSTO

## 9. HORROR

*A inteligência nada pode saber.*

Goya (1746-1828).  
«O sono da razão  
produz monstros».



«Para que falar? O que dizer? Tudo é horror e o horror é tudo!»

Já estão em mim exaustas,  
Deixando-me transido de horror,  
Todas as formas de pensar (...)  
O enigma do universo. Já cheguei  
A conceber como requinte extremo  
Da exausta inteligência que esse Deus,  
Que ensinam as igrejas com aqueles  
Seus atributos [...] — existir realmente  
Realmente existir e que houvesse  
Mas fosse sonho, e não sonho nosso...  
Sim cheguei a aceitar como verdade  
O que nos dão por ela, e a admitir  
Uma realidade não real  
Mas sim sonhada como esse Deus cristão.  
Mas isto, cuja ideia formidável  
Cheia de horríveis possibilidades  
Negra e profunda me (...)  
A mente, abandonei, não sem tremer,  
No caos do meu ser, onde jazem  
Juntamente com ela espectros negros

De soluções passageiras, apavoradoras,  
Momentâneas, momentâneos  
Sistemas horrorosos, pavorosos,  
Repletos de infinito. Formidáveis  
Não só por isto mas também por serem  
Falhados pensamentos e sistemas  
Que por falharem só mais negro fazem  
O poder horroroso que os transcende  
A todos, infinitamente a todos.  
Oh horror! Oh mistério! Oh existência!  
Para que lado não me virarei  
Onde abrirei os olhos — olhos d'alma —  
Que o mistério não me atormente, e eu  
Não avance tremendo para ele?  
E... Para que falar? O que dizer?  
Tudo é horror e o horror é tudo!

s. d.

Fausto — Tragédia Subjectiva. Fernando Pessoa. (Texto estabelecido por Teresa Sobral Cunha. Prefácio de Eduardo Lourenço.) Lisboa: Presença, 1988: 50.

1ª versão inc.: "Primeiro Fausto" in Poemas Dramáticos. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de Eduardo Freitas da Costa.) Lisboa: Ática, 1952 (imp.1966, p.78).